

## Relato de caso

## A arte como um instrumento para combater a psicofobia: relato de experiência sobre a oficina “Jornada da luta Antimanicomial”

### *Art as a resource to fight psychophobia: experience report about the workshop “Anti-Asylum Movement Journey”*

Yasmin Cavalcanti de Menezes<sup>1</sup>, Márcia dos Santos Silva<sup>2</sup>

Menezes YC, Silva MS. A arte como um instrumento para combater a psicofobia: relato de experiência sobre a oficina “Jornada da luta Antimanicomial” / *Art as a resource to fight psychophobia: experience report about the workshop “Anti-Asylum Movement Journey”*. Rev Med (São Paulo). 2024 maio-jun.;103(3):e-221715.

**RESUMO:** A luta antimanicomial andou junto à arte ao longo das décadas na transformação do cuidado psiquiátrico e imaginário psicossocial. Contudo, a substituição dos manicômios pelo cuidado em liberdade é ameaçada caso não haja profissionais que participem e defendam o cuidado humanitário em saúde mental. Dessa forma, é extremamente necessário incorporar esses temas na educação dos futuros médicos. Sendo assim, o relato descreve a realização da “Jornada da Luta Antimanicomial” em uma escola médica particular, oficina que ocorreu no dia 18 de maio, Dia Nacional da Luta Antimanicomial, incluindo um sarau poético, abordagem da história da arte relacionada a saúde mental e propostas criativas para envolver os usuários da rede de atenção psicossocial. O evento visa relembrar a história do movimento e reafirmar sua necessidade. Assim, utilizou como ferramenta principal a arte para explorar a ética e políticas que garantam visibilidade, inclusão e assistência aos doentes mentais em seu meio. Como resultado, os participantes aprenderam a importância e os métodos de uso da arte na atenção à saúde, preparando-os para uma prática médica sensível, crítica e politicamente engajada. Por fim, o evento desconstruiu a estigmatização e humanizou a percepção acerca da doença mental em um ambiente estritamente acadêmico.

**PALAVRAS-CHAVE:** Saúde Mental; Terapias Complementares; Medicina nas Artes; Arte; Educação Médica; Assistência Centrada no Paciente; Educação de Graduação em Medicina; Humanização da Assistência.

**Abstract:** The Brazilian anti-asylum movement has been intertwined with art over the decades, influencing the transformation of psychiatric care and psychosocial imaginary. However, the replacement of asylums with freedom-oriented care is jeopardized if there are no professionals who are part of and advocate for humanitarian mental health care. Therefore, it is extremely necessary to incorporate these themes into the education of future doctors. Thus, the report describes the realization of the “Anti-Asylum Movement Journey” at a private medical school, a workshop which took place on May 18th, National Anti-Asylum Day. It included a poetic soirée, an exploration of the history of art related to mental health, and creative proposals to engage users of the psychosocial care network. The event aims to recall the history of the anti-asylum struggle and reaffirm its necessity, utilizing art as the primary tool to explore ethics and policies that ensure visibility, inclusion, and assistance for mental health patients in their environment. As a result, participants learned the importance and methods of using art in healthcare, preparing them for a more sensitive, critical and politically engaged medical practice. The event also destigmatized and humanized the perception of mental illness in a strictly academic environment.

**KEY WORDS:** Mental Health; Complementary Therapies; Medicine in the Arts; Art; Education, Medical; Patient-Centered Care; Education, Medical, Undergraduate; Humanization of Assistance.

<sup>1</sup>. Centro Universitário Unifacisa, Faculdade de Ciências Médicas, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5099-7385>, E-mail: [yasmin.menezes@maisunifacisa.com.br](mailto:yasmin.menezes@maisunifacisa.com.br)

<sup>2</sup>. Docente da disciplina de Psiquiatria no Centro Universitário UNIFACISA. ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-0328-7444> E-mail: [marcia.silva@maisunifacisa.com.br](mailto:marcia.silva@maisunifacisa.com.br)

**Endereço para correspondência:** Yasmin Cavalcanti de Menezes, Rua Estelita Cruz, 459, Alto Branco, Campina Grande-PB. Brasil.

## INTRODUÇÃO

As bases para a intersecção da arte com a psiquiatria voltam aos anos 20 a partir de Freud e Jung, entretanto, foi Jung que colocou a linguagem artística em evidência com a Psicologia analítica, em que acreditava que era possível dar ordem ao seu caos interior utilizando-se da arte. No Brasil, essas vertentes encontram espaço nas figuras de Osório Cesar (1895–1979) e Nise da Silveira (1905–1999), psiquiatras pioneiros no emprego da arte como ferramenta terapêutica junto a pacientes em instituições de saúde mental<sup>1</sup>.

Osório Cesar trabalhou como médico ao longo de 40 anos, criou a Escola Livre de Artes Plásticas do Juqueri, e organizou a 1ª Exposição de Arte do Hospital do Juqueri, no Museu de Arte de São Paulo. Sua obra principal foi *A Expressão Artística nos Alienados*, na qual apresenta seu método de classificação e de análise de obras de pacientes psiquiátricos. Embora seu trabalho seja hoje passível de crítica, sua figura foi muito importante para estabelecer a formação do campo da Psicologia da arte, valorizar a arteterapia e afirmar a dignidade humana dos doentes mentais. Ele foi considerado o precursor no Brasil da análise da expressão psicopatológica de doentes mentais<sup>1</sup>.

Já a psiquiatra Nise da Silveira desempenhou suas atividades no Centro Psiquiátrico D. Pedro II, localizado em Engenho de Dentro, Rio de Janeiro. Lá, ela assumiu a liderança da Seção de Terapêutica Ocupacional, onde os pacientes se envolviam em diversas atividades expressivas, principalmente pintura e modelagem. Em 1952, ela fundou o Museu de Imagens do Inconsciente dentro da mesma instituição, que abrigava uma coleção em constante crescimento de obras produzidas pelos internos, estabelecendo assim um valioso campo de pesquisa e expressão artística<sup>1</sup>.

Essas manifestações abriram espaço para a voz do doente mental institucionalizado, como na passagem seguinte:

Meu nome verdadeiro é caixão enterro / Cemitério defunto  
cadáver / Esqueleto humano asilo de velhos / Hospital de tudo  
quanto é doença / Hospício / Mundo dos bichos e dos animais<sup>2</sup>

O verso citado é uma poesia professada por Stela do Patrocínio, mulher negra que passou 30 anos na Colônia Juliano Moreira-RJ, e foi apenas mais uma sobrevivente do processo de apagamento de individualidade e liberdade protagonizado pelos modos arcaicos das instituições psiquiátricas tradicionais do Brasil na década de 60 e 80<sup>1</sup>. O livro, que se trata de textualizações de seus ditos e compilado de seus escritos, inicia com a seguinte frase de Foucault:

A percepção que o homem ocidental tem de seu tempo e de seu espaço deixa aparecer uma estrutura de recusa, a partir da qual denunciamos uma palavra como não sendo linguagem, um gesto como não sendo obra, uma figura como não tendo direito a tomar lugar na história<sup>3</sup>.

Nesse contexto, a valorização atual de obras de indivíduos que um dia sequer tiveram seu posicionamento ou sua existência considerada, como Van Gogh ou a própria Stela, é uma evidência clara de como a luta pelas causas de saúde mental trazem para

a própria cultura novas percepções da loucura. Cria-se assim um novo contexto em que doentes mentais protagonizam um novo papel humanizado, em que tomam seu lugar no mundo e na história, aspecto que em vida nunca tiveram a chance de empoderar-se<sup>4</sup>.

É justamente essa nova percepção cultural uma das diretrizes da Reforma Psiquiátrica (RP), consolidadas no I Encontro Nacional, em Salvador (1993). Dessa maneira, a utilização da arte e da cultura, para além de recurso meramente terapêutico ou auxiliar na clínica, passou a, então, assumir a dimensão de produção de subjetividade e de vida, conforme visto nas obras acima<sup>5</sup>. Como consequência, a partir desse momento, o processo de RP é tomado por transformações no imaginário social e nas práticas discursivas sobre loucura, diversidade e diferença<sup>5,6</sup>. Sendo assim, a estratégia via atividades artístico-culturais se estabeleceu como uma dimensão muito criativa de transformação e intervenção no âmbito da saúde mental no SUS<sup>7</sup>, por esse motivo, sua importância finalmente se destaca ao garantir direitos básicos da população, como liberdade e saúde, previstos por suas diretrizes.

Dessa forma, a luta progressivamente ganhou visibilidade no Brasil, a formulação e posterior aprovação da Lei n.º 10.216, conhecida como “Lei da Reforma Psiquiátrica”, promulgada em 6 de abril de 2001, foi um dos marcos mais importantes. Assim, essa lei estabeleceu novas diretrizes para políticas de saúde mental, ao prever a substituição progressiva dos manicômios no país por uma rede complexa de serviços que compreendem o cuidado em liberdade como elemento fundamentalmente terapêutico<sup>8</sup>.

Dessarte, houve uma substituição gradual das Instituições Psiquiátricas por Centros de Atenção Psicossocial (CAPS), que articulam a rede de atenção de saúde mental em seu território, promovendo autonomia, articulando esferas sociais, educacionais e jurídicas com as de saúde. Para garantir a moradia daqueles que foram abandonados nesses locais, foram criados os Serviços Residenciais Terapêuticos, residências terapêuticas ou simplesmente moradias. Consistem em casas localizadas no espaço urbano com o intuito de responder às necessidades de moradia de pessoas portadoras de transtornos mentais graves, egressas de hospitais psiquiátricos ou não<sup>8</sup>.

Apesar disso, não é excluída a participação hospitalar nos casos necessários, há leitos de hospital psiquiátrico, em hospitais gerais, unidades de referência para álcool e outras drogas, emergências gerais, CAPS III e integração com o Serviço de Atendimento Móvel de Urgência (SAMU)<sup>7</sup>. Sendo assim, a reforma não limita e sim amplia a assistência para o público que necessita esse atendimento para todas as suas esferas.

Por outro lado, contrário a essas forças de humanização e desinstitucionalização antimanicomial promovidas pela luta e arte, há, no próprio processo de Reforma Psiquiátrica, grupos de ideologia conservadora que defendem a reorganização dos serviços de saúde mental. Esses têm a psiquiatria tradicional como molde, voltados para a centralidade do poder médico e internação como principais estratégias. Dessa forma, essas forças conservadoras vêm tomando cada vez mais espaços na defesa dessas e de outras estratégias de caráter manicomial<sup>9</sup>.

Sendo assim, é cada vez mais necessário revisitar a

história e luta antimanicomial original, localizada no lema “Por uma sociedade sem manicômios” e resgatar os motivos ético-políticos pautados na liberdade, que garantam a visibilidade e inclusão dos doentes mentais na nossa sociedade. Nesse contexto, o objetivo do seguinte relato é ressaltar a relevância de uma abordagem contínua e progressiva em relação à saúde mental, seguindo uma lógica expressamente antimanicomial, e enfatizando a integração do valor subjetivo da arte nessas intervenções. Dessa forma, a arte invade o meio acadêmico e se revela como uma ferramenta vital para impulsionar mudanças sociais e culturais, tanto ao nível coletivo quanto individual, no âmbito da luta por uma rede de saúde mental inclusiva e libertadora, livre dos confinamentos manicomial.

## RELATO DE EXPERIÊNCIA

Inicialmente, a ideia do projeto surgiu entre um grupo de coordenadores locais da IFMSA Brazil UNIFACISA, comitê local localizado no Centro Universitário UNIFACISA, associado à organização estudantil brasileira associada a Federação Internacional de Associações de Estudantes de Medicina, contudo, permaneceu adormecida devido às restrições impostas pela pandemia. No entanto, com a retomada das atividades presenciais, ressurgiu o interesse em abordar esse tema crucial e, oportunamente, valer-se do Dia da Luta Antimanicomial (18 de maio) para isso. Inspirados na história do movimento e na notável trajetória dos médicos psiquiatras que mudaram a história do cuidado mental brasileiro, como Nise de Oliveira, decidiu-se criar a “Jornada da Luta Antimanicomial”.

Os alunos que idealizaram o projeto tiveram contato com as trajetórias importantes do movimento também pela arte, com filmes como “Nise: O Coração da Loucura”, “Bicho de Sete Cabeças” e livro por Daniela Arbex “Holocausto Brasileiro”. Tendo essas experiências, demonstraram uma profunda sensibilidade em relação ao tema. Diante disso, surge a questão: se a arte já foi empregada historicamente como uma ferramenta terapêutica, por que não enfatizá-la também como meio de promover empatia e humanização em um ambiente acadêmico onde as concepções de psiquiatria frequentemente se baseiam na patologização dos indivíduos?

Dessa maneira, foram convidados 15 coordenadores para organizar o momento, uma vez que a princípio seria uma Jornada Multicêntrica ao longo do mês, entretanto, por questões de logística e problemas de adesão, o evento acabou reduzindo-se a uma data só. Sendo assim, houve divisão de tarefas em grupos conforme as partes do evento, organização de documentos e formulários. Adiante disso, foram realizadas múltiplas reuniões entre os membros e também com professores de arte, cordelistas, enfermeiros e coordenadores do CAPSi (Centro de Atenção Psicossocial Infantil), para analisar a viabilidade da ação, buscar palestrantes e traçar metas. Com esses aspectos finalizados, houve criação da arte, divulgação no Instagram, criação de grupo no WhatsApp com participantes e distribuição de panfletos pela universidade para convidar os alunos a participarem do evento.

Assim, no dia 18/05/2022, o cinema da UNIFACISA foi palco do evento, que inicialmente foi protagonizado pela enfermeira especialista em saúde mental e talentosa cordelista, Anne Karolynne de Negreiros. Com dinâmicas envolventes,

ela propôs a construção de um Sarau Poético aberto aos alunos, incentivando a participação ativa com declamações, inclusive envolvendo seu filho. O evento foi ainda mais especial ao incorporar a voz dos usuários do CAPS (Centro de Atenção Psicossocial), que, mesmo à distância, contribuíram por meio de vídeos, compartilhando relatos significativos com os estudantes.

Apesar da logística desafiadora que impossibilitou a presença física dos pacientes do CAPS devido à distância e ao horário noturno do evento, a participação virtual abriu caminho para um processo notável de identificação e conexão entre os alunos da área de saúde e os usuários. Esse encontro virtual não apenas permitiu uma troca significativa, mas também promoveu protagonismo e humanização, reforçando laços essenciais entre as duas comunidades.

O evento contou com 76 inscrições e a participação de um total de 38 pessoas presencialmente, sem transmissão on-line, dessa forma, houve adesão de 50% dos inscritos. Em relação ao curso de origem, 78,7% dos interessados eram do curso de Medicina, além de contar com estudantes do curso de psicologia, pré-vestibulares e até mesmo de ciências biológicas.

Nesse contexto, a iniciativa se destacou como uma verdadeira oficina, onde, em colaboração com os participantes, foi construída uma intervenção dinâmica por meio do sarau poético. Essa abordagem se insere de maneira integral, lúdica e antimanicomial, agregando um valor significativo ao tratamento. Durante a experiência, os envolvidos não apenas se familiarizaram com a prática dessa intervenção lúdica no âmbito da saúde, mas também desenvolveram habilidades de escrita e declamação poética. Mais do que isso, abriram portas para a possibilidade de replicar essa intervenção em outros contextos de saúde.

Além das atividades práticas, a artista compartilhou percepções valiosas sobre suas intervenções no CAPS, explorando terapias diversas que abrangem expressões artísticas, visuais, plásticas, musicais, entre outras. Esse compartilhamento inspirador não apenas enriqueceu a compreensão dos participantes, mas também desencadeou discussões vibrantes e uma imersão profunda no potencial terapêutico das expressões artísticas.

Em seguida, após um intervalo para lanche, iniciou-se a palestra do professor e doutor em literatura e história da arte Rodrigo Vieira. Nela, houve uma imersão profunda na evolução do tratamento e visão social da Loucura e dos doentes mentais, por meio da exposição de obras feitas desde o paleolítico até hoje.

Dessa maneira, o momento inspirou grande interdisciplinaridade, incitando a curiosidade dos alunos diante de grandes figuras da arte, como Vincent van Gogh, Edvard Munch, Francisco de Goya, e muitos outros. Além disso, foram demonstrados por evidências materiais e artísticas marcos que ilustram a percepção coletiva diante da mente desde a idade pré-histórica, percorrendo até agora. Destacaram-se marcos da psiquiatria como o surgimento de procedimentos, a Lobotomia, a revolução da psiquiatria por Nise da Silveira, com o Museu de Imagens do Inconsciente, o surgimento e fim dos Manicômios.

Ao encerrar o evento, foi dedicado um extenso momento para a fala aberta entre os participantes, destacando o compartilhamento de relatos centrados na temática da saúde

mental. Esse espaço proporcionou uma discussão profunda e comovente, abrangendo experiências individuais, reflexões pessoais sobre o tema, esclarecimento de dúvidas e expressões de elogios em relação ao evento. Esse diálogo aberto não apenas enriqueceu a compreensão coletiva sobre a saúde mental, mas também fortaleceu os laços entre os presentes, criando um ambiente de apoio e compreensão mútua.

Contudo, é relevante destacar que, em contraste com as expectativas delineadas nas idealizações, não foi possível realizar oficinas práticas nos CAPS, incluindo a intervenção com tinta em tela ministrada por uma professora de artes. A inviabilidade dessa etapa ocorreu uma vez que não foi possível arrecadar recursos suficientes com o número de inscrições nesta modalidade para que se tornasse sustentável. Isso pode refletir tanto o período de divulgação, quanto um possível menor interesse acadêmico em despender recursos financeiros em atividades lúdicas e terapias integrativas em comparação com desenvolvimento de habilidades técnicas puras.

## DISCUSSÃO

Dessa forma, torna-se evidente que o evento desenvolvido permitiu ao público através do contato com profissionais próximos desse tipo de abordagem uma oportunidade de discutir a respeito da saúde mental, explorando os métodos não tradicionais para o acolhimento e tratamento dos pacientes, especialmente entre os discentes de Medicina. Além de estimular diálogos significativos, o evento fomentou através da arte uma reflexão aprofundada sobre a construção histórica do conceito de “loucura” e os impactos psicossociais associados a posturas médicas ao longo do tempo.

É possível observar a necessidade iminente dessas discussões no espaço acadêmico, uma vez que durante o período de inscrição 65,3% dos inscritos afirmaram nunca terem participado de algum outro evento ou discussão no âmbito acadêmico acerca da luta antimanicomial e das reformas psiquiátricas. Além disso, surpreendentemente, 22,7% afirmaram não possuir nenhum conhecimento acerca dos métodos psiquiátricos historicamente utilizados em manicômios, tais como lobotomia, coma insulínico e eletrochoque. Embora muitos tenham demonstrado alguma familiaridade e compreensão sobre o tema, é inegável que uma parcela significativa ainda carece do conhecimento necessário para uma prática médica mais humanizada.

Sendo assim, este cenário reforça a importância de iniciativas que ampliem o acesso ao entendimento crítico desses temas, promovendo uma base sólida para abordagens compassivas e conscientes no contexto da saúde, especialmente diante da ameaça das ascendentes forças conservadoras que defendem estratégias de caráter manicomial<sup>9</sup>.

Por outro lado, observa-se que o cuidado moderno em saúde mental se trata de uma realidade, que, muitas vezes, não é tangível para a maioria dos estudantes. Isso ocorre por que em muitas das práticas médicas o cuidado e aprendizado em saúde é feito centrado na hospitalização, enquanto o cuidado em saúde mental, como estabeleceu a RP, não é feito centrado no leito, “a boa assistência em saúde mental precisa menos de leitos e sim de vagas”, afirma Domingos Sávio Alves<sup>10</sup>. Dessa maneira, trazer a experiência e o conhecimento de profissionais

que atuam na área com arteterapia, produção de cordéis, oficinas de CAPS e amor pelo cuidado em liberdade é essencial. Gerando, assim, uma compreensão mais apurada da importância da multidisciplinaridade e desinstitucionalização nesse nível de cuidado protagonizado por aqueles que estão envolvidos no cenário de atuação da saúde mental<sup>11</sup>.

Apesar de enfatizar a diminuição dos leitos, a estrutura de rede de cuidados em saúde mental ainda conta com atendimento em urgência em hospitais gerais, especializados, SAMU, instituições específicas para dependência e alguns CAPS. Sendo assim, compreender as diversas dimensões em que essa rede se organiza foi essencial para os alunos presentes poderem advogar diante de uma reforma libertária e não excludente, diante de possíveis argumentos conservadores de que o aspecto urgente ou grave não está sendo contemplado.

Dessa forma, o contato com essas realidades de ponto de vista humanizado e história da loucura e dos manicômios permitiu aos alunos reconhecer o cuidado em liberdade como elemento fundamentalmente terapêutico na saúde mental, pensamento promovido pela luta antimanicomial<sup>8</sup>. Além disso, permitiu perceber como a utilização da arte e da cultura para além de recurso meramente terapêutico ou auxiliar na clínica, passou a, então, assumir a dimensão de produção de subjetividade e de vida, conforme previsto por uma das diretrizes da Reforma Psiquiátrica (RP), consolidadas no I Encontro Nacional, em Salvador (1993)<sup>5</sup>.

Os comentários explicitados durante a oficina no cinema sobre a qualidade das informações passadas e da pertinência dos enfoques dados, juntamente com as parabenizações aos palestrantes pelo desempenho e aos organizadores pelo evento (em sua totalidade), transparecem a importância da temática abordada — sua relevância perpassa o campo profissional do tratamento e adentra o humanitarismo ao fazer emergir os aspectos humanos de quem sofre e de quem trata. Esse reconhecimento é ímpar, pois, garantidamente, os alunos interessados, dos quais 78,7% eram do curso de Medicina e 14,7% do curso de psicologia, terão contato com o atendimento em saúde mental, seja na vida acadêmica ou profissional, uma vez que a Rede de Atenção Psicossocial é composta por serviços que incluem não apenas os leitos de atenção integral (em Hospitais Gerais, nos CAPS III), como também outros espaços de atuação geral, como as Unidades Básicas de Saúde (UBS) e o Serviço de Atendimento Móvel de Urgência (SAMU)<sup>12</sup>.

A necessidade da discussão das diversas abordagens acerca da saúde mental é imprescindível do ponto de vista técnico e humano. Dialogar de forma clara e profissional sobre o tema é um dos caminhos para prevenir a ocorrência de violações dos direitos humanos desse público, bem como para formar profissionais mais capacitados (nas esferas científica e pessoal) para lidar com este conteúdo. Oportunizando, assim, atendimentos mais humanizados e com melhores desfechos, pois, de acordo com Ana Maria Fernandes Pitta:

O doente mental, antes excluído do mundo dos direitos e da cidadania, se transforma em sujeito cidadão e não objeto de políticas públicas. Sendo esta uma questão mais ético-política e cultural do que técnica, o futuro da Reforma Psiquiátrica Brasileira está na esperança que os usuários, familiares,

trabalhadores — esses novos protagonistas que amadurecem e se renovam a cada dia — encontrem modos mais sensíveis de reduzir os danos causados pelas nossas instituições e nossas escolhas insensatas<sup>10</sup>.

Por fim, o evento se guiou pelo objetivo de tornar os oficineiros presentes protagonistas dessa transformação sócio-política do tratamento e dos estigmas transcorrendo distúrbios da saúde mental. Dessa forma, por meio da educação e da cultura, abrimos um caminho de transformação e sensibilização dos participantes, além de familiares, trabalhadores e usuários da saúde, que podem ser essa tal “esperança” do futuro da Reforma Psiquiátrica, a qual é exaltada no dia 18 de maio, Dia Nacional da Luta Antimanicomial, mesmo dia da realização do evento.

## CONCLUSÕES/CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do evento proposto, os estudantes presentes adquiriram conhecimentos acerca do histórico da reforma psiquiátrica e de terapias alternativas na área, compreendendo a seriedade e as dimensões psíquicas e sociais do cuidado e da loucura ao longo da história. Além disso, os participantes tomaram conhecimento da possibilidade de direcionar as emoções e criatividade para atividades dinâmicas de modo a atenuar desconfortos psíquicos, direcionar tratamentos e estreitar o relacionamento médico-paciente.

Assim, por meio de métodos alternativos à medicina tradicional, os participantes puderam expandir sua atuação como estudantes e agentes da área de saúde, promovendo um espectro maior de saúde mental e bem-estar geral dos futuros pacientes e ciclo social. Não obstante, a partir da exposição com os usuários do CAPS, os alunos compreenderam os impactos desse tipo de atividade na qualidade de vida dos pacientes, além

de, em contraste, a importância e benevolência do olhar humano sobre cada usuário do sistema de saúde. Assim, após a jornada, os participantes estão preparados para compreender melhor o universo vasto da psique humana e enxergar além de métodos medicamentosos, compreendendo a história dos manicômios e a importância da liberdade para a integridade dos pacientes.

Após a realização da ação foi possível alcançar os objetivos de recordar a história da luta antimanicomial, bem como reafirmar a necessidade de sua anuência. Não obstante, apesar de não terem acontecido a oficina com tintas e trabalho em campo, não houve extenso prejuízo didático aos participantes, por ser ensinada a construção conjunta de uma intervenção por sarau poético, além da ilustração do funcionamento das oficinas com exposição do material feito pelos pacientes que faziam parte do grupo orientado por um dos palestrantes.

A ação certamente contribuiu positivamente com a IFMSA Brazil Unifacisa (comitê local da organização estudantil brasileira associada a Federação Internacional de Associações de Estudantes de Medicina) e com a LINPSI-CG (Liga Acadêmica de Neurociências Comportamentais e Psiquiatria de Campina Grande), uma vez que foi realizada a revisão histórico-artística da luta antimanicomial e esclarecido outras formas de terapias alternativas para o cuidado com pacientes psiquiátricos. Além disso, contribuiu também com os pacientes do Centro de Atenção Psicossocial (CAPS), que puderam expor seu talento e participar de um evento junto aos estudantes da área de saúde.

Por fim, ficou evidente a contribuição para a formação acadêmica dos presentes, bem como os benefícios futuros para a população que se sujeitará aos cuidados profissionais dos participantes da oficina, de modo que conseguirão ser melhor compreendidos e assistidos.

**Agradecimentos:** Gostaria de agradecer a todos os alunos envolvidos na idealização inicial, mesmo os que não puderam participar da realização do projeto, sendo esses, além de mim: Ana Beatriz Santos, Maria Cecília Guedes e Túlio Arcoverde. Além disso, tenho uma gratidão imensa aos demais coordenadores responsáveis pela organização e idealização que acreditaram no potencial da proposta: Ana Beatriz Santos, Chiara Falcão, Anna Lidya Estrela, Ana Carolina Medeiros, Marina Chagas, Nardijackson Oliveira, Artur de Souza, Emmily Heiner, Luana Gabriely Roza, Marialice Correia, Ianny Cristiny, Caroline Lopes de Araújo e Rafael Diniz. Sobremaneira, gostaria de agradecer imensamente aos palestrantes, que ofereceram seu conhecimento e experiência extraordinários: a poetisa e enfermeira especialista em saúde mental Anne Karolynne Santos de Negreiros e o Doutor em Literatura e Interculturalidade Rodrigo Vieira da Silva. Ademais, meus agradecimentos à professora orientadora da LINPSI-CG e psiquiatra Márcia Dos Santos Silva, que acreditou e direcionou o projeto, além da presidente da liga em 2022 Ianny Cristiny e os membros que colaboraram. Gostaria também de agradecer à IFMSA Brazil UNIFACISA por ensinar tanto aos coordenadores locais e contribuir para uma comunidade acadêmica mais igualitária e sensível, além do presidente local de 2022, Adriano Lima e toda a diretoria. Todos os alunos das instituições citadas me inspiram a ser uma aluna e médica melhor a cada dia. Meus agradecimentos ao Centro Universitário UNIFACISA, que apoia as iniciativas dos estudantes e cedeu o local para realização do evento. Por fim, gostaria de agradecer a todos os alunos presentes que tornaram o evento ainda mais especial por meio da sua contribuição e interesse, juntos podemos tornar o tratamento em saúde mental igualitário e justo.

## REFERÊNCIAS

1. Reis AC. Arteterapia: a arte como instrumento no trabalho do Psicólogo. *Psicol. ciênc. prof.* [Internet] mar 2014 [citado 22 mar 2024]; 34(1): 142–157. <https://www.scielo.br/j/pcp/a/5vvdgTHLvfkyznKFHnR84jqP/#:~:text=Embora%20os%20psiquiatras%20Os%20C3%B3rio%20C3%A9sar,da%20Psicologia%20se%20deram%20posteriormente.> Doi: 10.1590/S1414-98932014000100011.
2. Patrocínio S. Reino dos bichos e dos animais é o meu nome: Organização e apresentação de Viviane Mosé. 2ª ed. Rio de Janeiro: Azougue Editorial; 2001.
3. Foucault M. Ditos e Escritos. Problematização Do Sujeito: Psicologia, Psiquiatria e Psicanálise. Organização e apresentação de Manoel Barros da Motta. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária; 2010.
4. Amarante PD. Saúde mental, desinstitucionalização e novas estratégias de cuidado. In: Giovanella L, Escorial S, Lobato LV,

- Noronha JC, Carvalho AI. Políticas e Sistema de Saúde no Brasil. [Internet] 2. ed. Rio de Janeiro: FIOCRUZ; 2018. <https://books.scielo.org/id/c5nm2/pdf/giovanella-9788575413494-27.pdf>. Doi: <https://doi.org/10.7476/9788575413494.0023>.
5. Lima E. Arte, Clínica e Loucura: Um Território em Mutação. 2ª. ed. Manginhos: Summus Editorial; 2017.
  6. Amarante PD. Loucura e diversidade cultural: inovação e ruptura nas experiências de arte e cultura da Reforma Psiquiátrica e do campo da Saúde Mental no Brasil. Interface (Botucatu) [Internet] mai 2022 [citado 01 mai 2022]; 21(63): 763-74. <https://www.scielo.br/j/icse/a/wbrsJPgptHd6q5qgrdnWJk/?lang=pt&format=pdf>. Doi: 10.1590/1807-57622016.0881
  7. Amarante PD, Nunes MO. A reforma psiquiátrica no SUS e a luta por uma sociedade sem manicômios. Ciênc. saúde colet. [Internet] jun 2018 [citado 01 mai 2022]; 23(6): 1-7. <https://www.scielo.br/j/csc/a/tDnNtj6kYpQyvtXt4JfLvDF/?lang=pt>. Doi: 10.1590/1413-81232018236.07082018
  8. Brasil, MINISTÉRIO DA SAÚDE. Secretaria de Atenção à Saúde, DAPE, Coordenação Geral de Saúde Mental. Reforma Psiquiátrica e política de Saúde Mental no Brasil: Conferência Regional de Reforma dos Serviços de Saúde Mental: 15 anos depois de Caracas. Brasília; 2005.
  9. Passos RG. Luta Antimanicomial no Cenário Contemporâneo: desafios atuais frente a reação conservadora. Socdeb. 2017;23(2):55-75.
  10. Pitta AM. Um balanço da Reforma Psiquiátrica Brasileira: Instituições, Atores e Políticas. Ciênc. saúde colet. [Internet] set 2011;16(12). <http://cienciaesaudecoletiva.com.br/artigos/um-balanco-da-reforma-psiquiatrica-brasileira-instituicoes-atores-e-politicas/8532?id=8532&id=8532>. Doi: 10.1590/S1413-81232011001300002
  11. Bezerra Júnior B. Desafios da Reforma Psiquiátrica no Brasil. Physis: revista de saúde coletiva [Internet] 2007;17(2):243-50. <https://www.scielo.br/j/physis/a/H4wVY4ZDk9nKqdGsdzyJkWg/>. Doi: 10.1590/S0103-73312007000200002
  12. Nóbrega MP, Silva GB, Sena AC. Funcionamento da Rede de Atenção Psicossocial-RAPS no município de São Paulo, Brasil: perspectivas para o cuidado em Saúde Mental. Investigaçao Qualitativa em Saúde [Internet] 2016;02:41-9. <https://repositorio.usp.br/directbitstream/08cea366-c477-4375-a015-0f8a801291ff/N%C3%93BREGA%2C%20M%20do%20P%20S%20de%20S%20doc%2044e.pdf>.

Recebido: 05.02.2024

Aceito: 09.04.2024